



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE TECNOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

PAULO FERNANDO GOMES GONÇALVES

**POESIA POPULAR COMO FONTE REPRESENTATIVA DA VIDA E HISTÓRIA
DO CAMPONÊS NORDESTINO**

**SUMÉ - PB
2018**

PAULO FERNANDO GOMES GONÇALVES

**POESIA POPULAR COMO FONTE REPRESENTATIVA DA VIDA E HISTÓRIA
DO CAMPÔNES NORDESTINO**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Agroecologia.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

**SUMÉ – PB
2018**

G635p Gonçalves, Paulo Fernando Gomes.
Poesia popular como fonte representativa da vida e história do
Camponês Nordestino. / Paulo Fernando Gomes Gonçalves. - Sumé -
PB: [s.n], 2018.

46 f.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro
de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso Superior de
Tecnologia em Agroecologia.

1. Poesia Popular Nordestina. 2. Camponeses Nordestinos na
poesia. 3. Zé Marcolino - Poeta. 4. Pinto do Monteiro – Poeta. I.
Título.

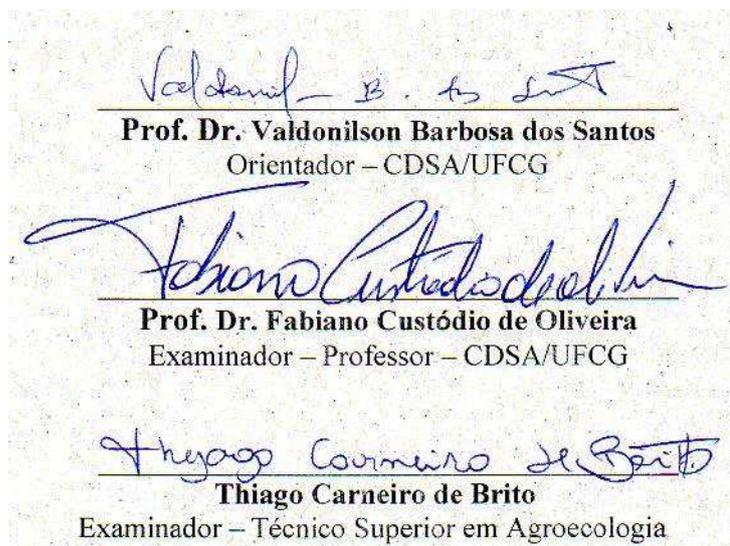
CDU: 82-1(813.3)(043.1)

PAULO FERNANDO GOMES GONÇALVES

**POESIA POPULAR COMO FONTE REPRESENTATIVA DA VIDA E HISTÓRIA
DO CAMPÔNES NORDESTINO**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Agroecologia.

BANCA EXAMINADORA:



Trabalho aprovado em: 07 de agosto de 2018.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Argemiro Batista e Maria Eulina pela educação que me proporcionaram e as condições que me deram para estudar sem qualquer preocupação, por toda paciência no meu período de formação e pelo apoio incondicional para realização dos meus objetivos.

Ao meu filho Kaio, aos meus irmãos pelas inúmeras palhaçadas que nos acompanham desde época de berço, pela amizade, companheirismo, e principalmente pelo carinho e amor que existe em nosso meio.

A todos os meus tios ^(a) por terem me aconselhado e me acompanhado mesmo distante, pelas contribuições para o meu crescimento e principalmente para minha formação como ser humano.

Ao professor Dr. Valdonilson Barbosa pela orientação durante os últimos meses anos, por total confiança e paciência no desenvolvimento do trabalho, acompanhando-me sempre com suas orientações, com dedicação seriedade e profissionalismo.

Quero agradecer aos meus queridos amigos que a vida acadêmica proporcionou conhecer: João Paulo, Thiago Carneiro, Eric Rafael, Erinaldo Irineu, Roberto Carlos, Tamara, Paulo Romário, Antônio Mamede e Everton. Os quais foram essenciais no caminhar da minha formação

Aos Professores pela participação na banca examinadora para qualificação desta Monografia, e pela contribuição depositada neste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação simbólica do espaço rural e a narração da vida histórica do camponês e seus conhecimentos presentes nas obras de poetas, aboiadores, declamadores Nordestino, chegando até mesmo no forro. Foram utilizados nesta pesquisa poemas e canções de Pinto de Monteiro e Zé Marcolino. Em termos metodológicos, optou-se pesquisar as letras de canções, poesias, contos e qualquer produção cultural que possibilitasse alcançar o objetivo geral da pesquisa. Como aporte teórico tenho, Petercen, 2009 que tem a Agroecologia como enfoque científico que fornece as diretrizes conceituais e para a orientação de processos voltados a refundação da agricultura na natureza. Durval 2000 que afirma que a poesia é uma memória realista e verídica entre outros. Como grande referência teórica, ao permitir interpretar os diversos modos discursivos na construção do Nordeste e dos espaços rurais. A poesia popular nos possibilita encontrar os mais variados temas acerca da cultura da região, etnias, crenças e costumes, tendo uma bagagem extensa merecedora de estudos, principalmente no contexto nordestino, pois no Nordeste encontram-se grandes poetas e as muitas manifestações culturais. Diante disso, a presente monografia nos mostra que a maioria dos poetas populares é oriunda do espaço rural, vindo de famílias humildes e origens campesinas.

Palavras chave: Poesia popular. Camponês. Espaço rural. Região Nordeste

ABSTRACT

The present work intends to analyze the symbolic representation of the rural space and the narration of the historical life of the peasant and his knowledge present in the works of poets, supporters, declaimers Nordestino, arriving even in the lining. Poems and songs of Pinto de Monteiro and Zé Marcolino were used in this research. In methodological terms, it was decided to search the lyrics of songs, poetry, short stories and any cultural production that would allow to reach the general objective of the research. As a theoretical contribution I have Albuquerque Jr, Petercen, who has agroecology as a scientific approach that provides the conceptual guidelines and for the orientation of processes aimed at refounding agriculture in nature. Durval who states that poetry is a realistic and truthful memory among others. as a great theoretical reference, allowing to interpret the various discursive modes in the construction of the Northeast and rural spaces. Popular poetry enables us to find the most varied topics about the region's culture, ethnicities, beliefs and customs, having an extensive baggage worthy of studies, especially in the Northeastern context, because in the Northeast there are great poets and many cultural manifestations. Given this, this monograph shows us that most of the popular poets come from rural areas, coming from humble families and peasant origins.

Keywords: Popular poetry. Farmer. North East Region

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 PROBLEMATIZANDO E CONTEXTUALIZANDO SABERES: CIÊNCIA, POESIA E PESQUISA.....	11
2.1 A Agroecologia no cenário da pesquisa: cultura e poesia dentro da Agroecologia e do Campesinato.....	12
2.3 Procedimentos metodológicos da pesquisa.....	18
3 NARRATIVAS E REPRESENTAÇÃO SOBRE O CAMPONÊS NAS OBRAS DE PINTO DE MONTEIRO E DE ZÉ MARCOLINO	19
3.1 Vida e obra de Pinto do Monteiro.....	19
4 AS PESSOAS DO CAMPO FORJADAS POR PINTO DO MONTEIRO	201
4.1	
Seca.....	211
4.2	
.....	233
4.3	
Migração.....	266
4.4	
Vida e obra de Zé Marcolino.....	2828
5 AS PESSOAS DO CAMPO FORJADAS POR ZÉ MARCOLINO	29
5.1	
Experiência Climática e Medicinal.....	2929
5.2 Retornos, festa e cultura.....	32
5.3	
Amor, as suas origens e seu trabalho.....	3939
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	455
7 REFERÊNCIAS.....	466

1 INTRODUÇÃO

Desde século XVII, o Nordeste tem sido palco de muitos poetas, tendo como representantes destes feitos, artistas descendentes de camponeses ou até mesmo escravos. Poetas de famílias simples e humildes publicavam sua história e suas crenças em cordéis ou em cantoria de repente, chegando até mesmo ao forró, onde o próprio autor narrava a si mesmo como um aventureiro, valente, sofrido. Dentro de seus versos ricos de cultura, existe um foco principal que representa uma diversidade de relações culturais do nosso povo, o camponês Nordestino, que faz com que a poesia se torne uma fonte histórica dos seus saberes visando o sentido sociocultural e ideológico, fazendo com que a letra poética analisadas neste trabalho leve saberes para o Agroecólogo,¹ pois assim ele terá uma fonte de conhecimento de paradigmas que serão encontrados em sua vida de profissional em relação ao trabalho com o camponês.

Neste trabalho a poesia é vista como fonte representativa para pesquisa do Agroecólogo em relação aos saberes de vida do homem e da mulher do campo, onde dentro do contexto poético é narrado a história do trabalhador e da trabalhadora camponeses e todos os seus conhecimentos populares. Livro a inversão do nordeste, a poesia apresenta uma memória própria, tendo sempre como base a realidade, pois para ser bem descrito pela comunidade ele deve ter pelo menos a aparência do que ocorre no seu cotidiano, sendo na maioria das vezes as lembranças do que o poeta viveu ou ouviu no seu dia. A poesia torna-se de qualidade ainda maior para um trabalho que esteja focado como este, que observa o jeito popular que o camponês e a camponesa possuem de reconhecer o mundo ao seu redor. A poesia em si é algo que demonstra para o leitor a representação textual da vida e do cotidiano do camponês e da camponesa, o conhecimento popular é uma ferramenta indispensável para o Agroecólogo e para os apreciadores da cultura entender como o Campesinato e a Agroecologia estão relacionados aos saberes popular. A utilização das obras poéticas como fonte representativa das atividades do meio rural traz para toda uma visão ampla da relação que vai desde as atividades presentes na seca e suas dificuldades, até seus dias de diversões e crenças folclóricas.

Os poemas aqui destacam a vida camponesa do nordestino de origens humildes e de feições e dialetos que se demonstram e estampam através de suas farras lutas diárias dentro de seu cenário de Fé e seu conhecimento de agricultor (a); sua empresa é a roça, sua caneta é a enxada, e sua dignidade o faz ser um homem [e uma mulher] de valor. Seu amor a terra, a cultura criada por si própria é a sua verdadeira identidade, possui como seu guia a expressão da

¹ Agroecólogo: Profissional formado na área da Agroecologia.

vida, algo que é repassado de gerações e gerações, mas que tem sido pouco valorizado como fonte de análise. Os poemas analisados neste trabalho são poemas que vivenciaram a geração de ouro da poesia nordestina, que para os apologistas (apreciadores) da cultura esta fase ocorreu no fim do século XIX, até em meados do século XX, desta forma a narrativa de todo presente trabalho é voltada à época que foi a criação dos poemas. Esta pesquisa fundamentou-se a partir do interesse pessoal pela linguagem histórica contida na poesia popular nordestina, e na busca de compreensão das expressões da oralidade poética incorporadas na Agroecologia e no Campesinato nordestino, buscando a narrativa em diversos temas que circulam o cotidiano do camponês do Nordeste brasileiro.

O objetivo geral desta pesquisa é Identificar a forma como os poetas retratam a vida do agricultor camponês em suas obras. Objetivo geral de a pesquisa Identificar a forma como os poetas retratam a vida do agricultor camponês em suas obras.

Para isso foram selecionados dois maiores poeta já existentes que vivenciaram a geração de ouro da poesia popular no Nordeste, residentes do cariri paraibano Pinto do Monteiro da cidade de Monteiro, e Zé Marcolino da cidade de Sumé, os poemas destes autores foram retirados de cordéis, livros poéticos e do conhecimento popular, passado de pessoa para pessoa, foi feita a interpretação de cada verso buscando narra a história que neles está representada seja verso de improviso seja aboio ou forró. Foram destacadas as expressões típicas da família do camponês, o falar que em muitas ocasiões se destacam como identidades nordestinas foram utilizadas pelos autores do poema, considerando aprimorar o máximo o tema na análise dos dados.

O presente trabalho se encontra dividido em três seções. Na Primeira seção, consta esta introdução. Na seção seguinte intitulada: **Problematizando e contextualizando saberes: ciência, poesia e pesquisa**, apresentam a Agroecologia no cenário da pesquisa, o universo da pesquisa como fonte de análise e os procedimentos metodológicos da pesquisa. Na terceira sessão, intitulada **Narrativas e representação sobre o camponês nas obras de Pinto de Monteiro e de Zé Marcolino** consta a Vida e obra de Pinto do Monteiro, o camponês forjado por Pinto do Monteiro, a Vida e obra de Zé Marcolino e o camponês forjado por Zé Marcolino. E, por último, as considerações finais.

2 PROBLEMATIZANDO E CONTEXTUALIZANDO SABERES: CIÊNCIA, POESIA E PESQUISA.

2.1 A Agroecologia no cenário da pesquisa: cultura e poesia dentro da Agroecologia e do Campesinato

Agroecologia é tida como um campo do conhecimento de natureza multidisciplinar, cujas doutrinas pretendem colaborar na edificação de estilos de agricultura de base ecológica e na elaboração de estratégias de incremento rural, tendo como citação aos ideais da sustentabilidade numa perspectiva multidimensional.

Percebe-se que a Agroecologia, tem como necessidade um conhecimento da vida social do homem do campo, de uma forma que estabeleça suas linguagens e suas visões sobre o seu local de origem, ou seja, onde o camponês e camponesa residem. A poesia popular é uma entidade perceptível que narra à expressão familiar, seu cotidiano, sua sabedoria e as lutas diárias, visando à identificação de verdadeiros atos de convívio com a natureza, seja em épocas definidas como estação de seca (estiagem) ou de grandes colheitas (inverno), vale destacar que a cultura é uma forma de conhecimento teórico de cada região e seu povo.

Para Petercen (2009 p. 10) “a Agroecologia é apresentada com o enfoque científico que fornece as diretrizes conceituais e metodológicas para a orientação de processos voltados a refundição da agricultura na natureza por meio da construção de analogias estruturais e funcionais”. A Agroecologia em seu foco é um processo de entender o camponês e a camponesa e seu trabalho, fazer melhorias para sua sustentabilidade em meios naturais e nos agroecossistemas², proporcionar melhor condições de vida para as pessoas do campo e o respeito ao seu trabalho. Outro elemento estratégico na Agroecologia é a transformação do mundo rural e uma disseminação de crítica ao modelo agrícola dominante.

A poesia popular é vista como uma base de se analisar contexto histórico e cultural, do Campesinato Agroecológico nordestino. A história cultural, tais como a entenderam, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes, lugares e momentos uma determinada

² Agroecossistema é exatamente a interpretação, avaliação e manejo dos sistemas agrícolas, levando em conta todos os fatores citados acima. Trata-se de um olhar mais amplo, no qual não apenas a produção é focada, mas, principalmente, a relação da área plantada com todos os agentes naturais de sua região, incluindo aí a fauna e a flora, além do solo, da água e, até, os micro-organismos.

Agricultura moderna" ou "convencional", que é a combinação de várias técnicas que em conjunto formam o que se denomina "pacote tecnológico", como o uso de variedades de alto rendimento, cultivadas necessariamente a partir da aplicação intensiva de adubação química, combinado à aplicação sistemática de agrotóxicos, em processos de trabalho majoritariamente mecanizados

realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos. Às quais o presente pode adquirir sentido.

O Campesinato é a forma política e acadêmica de reconhecimento conceitual de produtores familiares, sobre modalidades e intensidade distintas, um ator social da história do Brasil. Em todas as expressões de suas lutas sociais, seja de conquista de espaço e reconhecimento sejam ameaças de destruições ao longo do tempo e em espaços diferentes, prevalece um traço comum que define como luta pelas condições de protagonistas dos processos sociais.

Segundo Shanin (1979, p. 03), “O Campesinato é, ao mesmo tempo, uma classe social e um ‘mundo diferente’, que apresenta padrões de relações sociais distintos - ou seja, o que também podemos denominar de modo de vida. Para ele, o Campesinato é uma classe social de pouco ‘reconhecimento’ que se insere na sociedade capitalista de forma subordinada e se levanta em momentos de crise. Neste sentido, vale lembrar os ensinamentos (em relação com a cultura) de Thompson (1987) a respeito do fazer-se classe.”

Para Montenegro (2008, p. 11), “a partir dessa perspectiva, podemos indagar qual a diferença entre pensar a história de forma espontânea, por um lado, e por outra como produção do conhecimento, ou seja, uma construção resultante de uma série de atividades complexas, que implicam um conjunto amplo de procedimentos”.

Estudar o Campesinato é um ato de vivenciar a história das pessoas do campo, com identidades e culturas distintas. Já que o Campesinato é ao mesmo tempo um estudo histórico que se renova na medida em que as indagações sobre o passado mudem de acordo com o tempo presente, estabelecendo relações possíveis entre as dimensões de temporalidade. Nesse contexto pode-se até dizer que o Campesinato sempre manteve ligação direta com a poesia popular e consequentemente com as pessoas do campo. Trabalhando compreender e interpretar determinadas metas, opiniões, expectativas como documento histórico e objeto de estudo, analisando que o Sertão foi construído no imaginário arranjado em notas poéticas de cantadores.

Estudar o Campesinato no Nordeste é uma forma de identificar a vida e obra das pessoas campo, suas experiências, sua influencia dentro do capitalismo. O Campesinato é mais do que um estudo sobre o camponês, é ao mesmo tempo um ato de buscar a identidade local e história da classe social camponesa e a cultura criada em torno desta.

Para Shanin (1979, p. 02) apud Marques (2000), o Campesinato é como uma classe social e não apenas como um setor da economia, uma forma de organização da produção ou um modo de vida. Ou seja, é, ao mesmo tempo, uma classe social e um “mundo diferente”, que apresenta padrões de relações sociais distintos – lembrando que também podemos denominar de modo de vida. Para ele, o Campesinato é uma classe social de baixa “classificidade” que se

insere na sociedade capitalista de forma subordinada e se levanta em momentos de crise. O Campesinato é o estudo da classe primária da sociedade como um todo, estudar a vida das pessoas do campo é uma forma de identificação para o Agroecólogo, tenha a noção do conhecimento da vida campesina, e saiba reconhecer a cultura em torno destes fatos históricos:

A origem do conceito de camponês está relacionada à realidade da Europa, mas a formação do camponês brasileiro guarda as especificidades. Aqui, o Campesinato é criado de uma sociedade entre a periferia e o capitalismo na margem do latifúndio. (MARQUES, 2000, p.xx).

A origem humilde da sociedade camponesa e a utilização de conhecimentos populares como forma de entender sua localidade e o ambiente que o cerca o submete a um entendimento em relação a outros níveis de sociedade como baixo e discriminado reconhecimento na coletividade como um todo e no capitalismo.

Shanin (2005, p. 04) também considera que o Campesinato é um passo importante para a compreensão da diferença entre as classes distintas. Ao afirmar que, “também podemos denominar o modo de vida dos camponeses através do Campesinato como uma classe social”, este considerado uma sociedade que pode juntar-se ao capitalismo em forma “subordinada”, mas de grande influência em termos de crise.

O Campesinato se refere a uma diversidade de formas sociais baseadas na relação de trabalho familiar e formas distintas de acesso a terra. A centralidade do papel da família na organização da produção de alimentos e na constituição de seu modo de vida, juntamente com o trabalho na terra e a religiosidade envolvida, na criação da cultura em torno disso, constituem os elementos comuns e de destaque a todas as formas sociais. (MARQUES, 2000).

Para Woortmann (1999) apud Marques (2000), a campesinidade diz respeito à qualidade encontrada em diferentes tempos e lugares, que expressa os valores da ética camponesa, seja individual ou em grupos específicos. Estes apresentam variações de grau segundo sua trajetória de vida. A campesidade possui um grau distinto em relação à cultura formada durante o passar dos tempos, no caso dos nordestinos brasileiros a cultura gira em torno da “seca” e de suas interações, seja “poética” com a literatura de cordel que narra vida e obra e suas dificuldades enfrentadas pelas pessoas do campo, ou seja, “migratória”, devido à falta de recursos provenientes da seca.

Segundo Wanderley (1996) apud Marques (2000), em contraste com o forte enraizamento territorial que caracteriza o camponês europeu, a trajetória do nosso Campesinato é marcada por uma forte mobilidade espacial. O predomínio de sistemas de posse precária da terra nas formas de existência desenvolvidas por essa classe social tem resultado numa condição

de instabilidade estrutural, que faz da constante busca por novas terras uma importante estratégia de reprodução social.

A afirmação de Redfield (2005, p. 3) de que “a sociedade e a cultura camponesa têm algo de genérico em si... (sendo)... uma organização da humanidade com semelhanças em todo o mundo”, quer dizer que eles caminham juntos, pois em cada localidade possui uma cultura que o distingue.

Ainda Redfield (2005, p.5) descrever o “camponês como um ‘modo de vida’ representam bem um sentimento amplamente difundido entre a maioria daqueles que estudam a relação do homem com o campo de modo sistemático e comparativo”. Tais intuições não devem ser menosprezadas, pois refletem muitas vezes um conhecimento tático, enraizado na experiência. Entretanto, podem igualmente representar uma visão distorcida, caso seja mal interpretada, com poucas ou nenhuma informações de seu modo de ver a vida, já que mesmo com pouco ou quase nenhum estudo do seu ambiente as pessoas do campo criam seu modo de entender a natureza suas experiências climáticas repassadas por gerações, tais experiências não muito levada em conta pelo estudo da ciência.

Shanin (2005, p. 03) relata que as lutas sociais enfrentadas pelas pessoas do campo envolvidas em torno da vida camponesa em sua vivência diária revela as condições materiais e imateriais de sua trajetória na história do Campesinato. O Campesinato aparenta um modelo de vida camponesa que se destaca na classificação social como baixa, dentro da sociedade capitalista de forma submissa.

2.2 O universo da poesia como fonte de análise

Na obra clássica *Arte Popular como uma Cultura*, publicado em 1983, o antropólogo Clifford Geertz constatou o “quanto é difícil falar de cultura. Pois a cultura é a arte, que existem em um mundo próprio, onde o discurso pode alcançar” (GEERTZ, 1997, p.142).

A cultura popular também é arte, e se constitui como marco emblemático da história nordestina, é um vasto campo representativo do Campesinato partindo do pressuposto prazeres e formas de vivenciar o universo de saberes das pessoas do campo e suas diferentes atividades. A poesia popular além de em si conter um contexto histórico e ideológico, ela contém uma integração de saberes e de espaços, onde as pessoas do campo vem seu respeito, o reconhecimento escrito ou cantado e em muitos casos até mesmo homenagens, como ao vaqueiro que tem seu trabalho reconhecido dentro da poesia popular, a narração dos fatos ocorridos e o sentimento posto nos versos do poeta faz com que seja passado a imagem e o sentido de angústia alegria tristeza etc.

O costume de cantar e declamar os folhetos nas feiras livres, o homem pobre fica conhecido e a história se ganha e comprado o folheto para se guardar em casa e podem ouvi-lo novamente, quanto alguém alfabetizado de passagem ler novamente para ele (DURVAL, 1988, p. 86).

A poesia é a voz do povo com sua magia e do fantástico reino da imaginação, onde entidades e seres místicos circulam lado a lado com figuras reais de cangaceiros, coronéis, boiadeiros, beatos, donzelas, burocráticas, polícia e políticos, realidades existentes no sertão nordestino. O poeta de cordel ou cantador passa o seu ponto de vista sobre a vivência de um povo sofrido ou feliz através dos seus cantos e poesias.

Santana (2009), estabelecer a motivação em relação a esse aspecto da cultura popular e organizar todo um processo de aplicação e estímulos em direcionamento ao fator principal, que é a apresentação, reconhecimento da origem e fruição da Literatura de Cordel. Criações artísticas de ordem popular, pelo imprevisto da imaginação, pela delicadeza da sensibilidade, pelo poder de observação, pela força de expressão, pela intuição poética, pelo arrojado das imagens, pelo sentido de crítica, de protesto e de luta social que muitas vezes apresentam, estão a exigir a atenção dos estudiosos.

Para Durval (1988, p. 89), a maioria dos autores tem antecedentes comuns; provindo da classe da agricultura de subsistência, são pouco alfabetizados, descendentes de familiares nas quais já há um ou mais autores ou cantadores de viola, e são na maior parte das vezes mascates ou editores.

Muitos desses autores de origem humilde eram em muitos casos forçados para praticar a arte e apresentar seus trabalhos em feiras livres, devido à falta de ou conter pouco recurso financeiro, arrecadavam algum dinheiro útil através da arte poética, as famílias que nelas continham um poeta popular o consideravam e o respeitavam como um grande representante de suas vidas, pois com a arte se adquirida respeito e dádiva e reconhecimento dos demais da burguesia, a poesia sempre será tratada pelos nordestinos como um dom que o poeta nasce com ele à frase que em alguns casos é citada por apologistas (o poeta não se faz, nasce feito), e uma expressão de como o poeta é visto pelos os demais admiradores da cultura, como uma pessoa que nasceu com um dom, “o dom da poesia”.

De tal idéia surge a questão da circularidade cultural da poesia popular. Com isso, vemos que é necessário para o Agroecólogo retomar historicamente os fatos e compreender como ao longo dos anos a relação com o campo e o Campesinato ditam a atualidade e o saber das pessoas do campo. Esse conhecimento sobre o trabalhador e a trabalhadora rural deveria surgir em meios a interesses acadêmicos, a fim de mostrar apenas a vasta riqueza que é a poesia.

“No cotidiano das relações sociais do campo/rural observam-se como os valores da cultura são impostos de forma marcante, misturando novos e velhos elementos, como partes do processo de culturalidade”. (SILVA, 2011, 33).

Procurou-se articular nesta pesquisa sobre a vida e obra das pessoas do campo vista através da poesia, uma integração que se dá em alguns pontos, como por exemplo: o estudo da arte camponesa nordestina, que procura compreender as representações imaginárias de Sertão, do campo e das pessoas que vivem no campo narradas nas composições musicais de José Marcolino e poemas de Pinto do Monteiro.

Segundo Albuquerque jr (1988, p. 88), “o folheto do cordel acha-se inteiramente associado, ao espaço de nossas preocupações; foi principalmente nos estados de Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará que se desenvolveu o tradicional cordel”. Tendo como uma necessidade da utilização da cultura como documento histórico e como instrumento nas inovações metodológicas na pesquisa do Agroecólogo, observando os elementos históricos “poemas” como materiais constituintes da narrativa; e na forma indireta: quando a realidade é alegorizada ou a narrativa não remete aos fatos diretamente, ou seja, quando o autor do poema não viveu o fato, mas fala a respeito com o seu próprio conhecimento passado para ele por seus ancestrais entre outros formando a narrativa da história da sociedade dada, muitos poemas podem trazer algo que está explícito na letra e que com análise percebe-se o fato presente no contexto que ela se encontra, pois todo cordel é feito com as marcas de seu tempo e do lugar social do autor. A descrição é o diferencial que singulariza como marca de expressão de nossos hábitos, valores, modos de vida, maneira de ser, agir e pensar.

É pertinente ressaltar a intencionalidade de cada compositor quando está compondo seus poemas, o contexto da época e neste caso seu interesse de apresentar para o mundo a música à poesia oriunda do Sertão do Nordeste do Brasil, cheio de poesia musicada. Precisam-se destacar como essas linguagens poéticas estão sendo produzidas nos diversos processos sociais e culturais e qual a melhor forma de se trabalhar um contexto histórico em uma análise poética e musical está relacionada ao saber popular. Produzir história é trabalhar com cultura e, por que não, com a formação dos acadêmicos em Agroecologia e cidadãos que exercem papéis distintos na vida e na sociedade camponesa. Sendo indispensável o empenho de todos de uma nova visão das pessoas do campo do Brasil, na sociedade em que a história camponesa ainda prevalece uma visão frágil e negativa. Estudar a poesia de Zé Marcolino e Pinto do Monteiro é também dar visibilidade aos representantes da cultura popular. Vale lembrar que o estudo histórico é renovado, à medida que as indagações sobre o passado mudem de acordo com o tempo presente e os novos autores, estabelecendo relações possíveis entre as dimensões de

temporalidade, nesse contexto pode-se até dizer que a literatura de cordel sempre manteve ligação direta com o homem Nordestino e com o ambiente que o cerca.

2.3 Procedimentos metodológicos da pesquisa

Tipo de pesquisa – Qualitativa – fases – Pesquisa bibliográfica – Critérios para escolha dos poetas – Critérios para a escolha dos poemas – Análises dos dados – Poema – Análise de conteúdo.

Os poemas a serem analisados foram cantados ou escritos em jornais populares (cordel), revistas, rádios, ou em livros escritos onde o autor é o próprio poeta, ou livros que são escritos com poemas de vários poetas, que é dedicado pelo autor unicamente a cultura popular, e entrevistas com agricultores e poetas idosos que testemunharam e possui conhecimento desta cultura, este trabalho traz como foco poemas que vivenciaram a “geração de ouro” da poesia nordestina, fato que veio a ocorrer no fim do século XIX, e em meados do século XX, tendo como uns dos grandes representantes desta cultura dois paraibanos caririzeiros, Pinto Monteiro (da cidade de Monteiro) e Zé Marcolino da (cidade de Sumé). Ambas as cidades localizadas no cariri paraibano.

Essa pesquisa está fundamentada metodologicamente na vertente da literatura de cordel como narrativa para que o Agroecólogo tenha conhecimento da poesia popular como fonte representativa de estudo da vida dos camponeses, e saiba que em seu teto possui a descrição da vida do camponês e a descrição de sua vida em seu local de origem, sobretudo a importância de esclarecer a identidade camponesa, de modo que visualizamos os diferentes lugares e momentos de uma realidade social.

Foi utilizado nesta pesquisa o conhecimento próprio com a cultura e a convivência passada por agricultores mais idosos com experiência adquirida no longo de suas vidas e a interpretação da poesia popular, tendo como exemplo o estudo da arte camponesa nordestina, propondo compreensão da representação cultural do camponês nordestino e seu sertão. Campo e camponês nas composições musicais de Zé Marcolino, e nos versos de improviso de Pinto do Monteiro.

Os poemas aqui destacam as pessoas do campo, nordestinos, de origem humilde e de feições e dialetos que se demonstram e estampam através de suas farras lutas diárias dentro de seu cenário de Fé e seu conhecimento de agricultor; sua empresa é a roça, sua caneta é a enxada, e sua dignidade o faz ser um homem [e mulher] de valor. Seu amor à terra, a cultura criada por si próprio faz parte da sua identidade.

A maioria dos poetas populares são originados do Campesinato, surgem de famílias humildes de origens camponesas, predominantes do analfabetismo produzem poemas improvisados ou folhetos que são destinados à história de vida ou vivida da sua localidade. As suas expressões dentro da narrativa poética é quem definem o seu lugar, seu trabalho e as pessoas que com quem eles unidos de alguma forma construíram a história cultural de cada município deste Nordeste, seja o padre, o prefeito, ou fazendeiro, o agricultor, a agricultora, entre outros, todos e suas obras estão de alguma forma gravada em um verso popular, e como todo artista o publica, em cantorias de repente, os declamam em praça pública, ou em feiras livres, em cordel que já foi o jornal mais popular do Nordeste.

A poesia popular na maioria de seus contos poéticos, ‘seja cordel, cantado ou declamado’, ou fato fictício, criado pelo o autor (poeta popular), poesia é vida vivida, é algo de grande ligação como narrativa da vida das pessoas do campo. Tendo com o entendimento a poesia popular para o Agroecólogo que deve ser vista sempre como um fato inédito e único, pois é na poesia popular que se encontra uma gama de diversidade e expressões, marcas de história e ensinamentos, já que é em cada verso cada autor que existe uma narrativa única onde o poema e o verdadeiro ponto de visão dos poetas em relação à descrição dos camponeses Nordestino.

Trata-se de identificar o contexto em que as mesmas são compostas e as formas de representações presentes num determinado tempo e espaço. Também se buscar aporte teórico na Agroecologia, pois uma tarefa árdua que envolve o cotidiano das pessoas do campo é a de estabelecer relações entre o conteúdo e o dia-a-dia, sendo uma forma importante de se trabalhar usando poesia como uma nova forma metodológica. As canções de José Marcolino e os poemas de Pinto do Monteiro, por exemplo, são opções para se trabalhar com o Campesinato nordestino, pois, é fortemente marcada por suas ideologias e pelo amor a sua terra e às riquezas da região que muitos desconhecem; inclusive os indivíduos dessa mesma região.

3 NARRATIVAS E REPRESENTAÇÃO SOBRE O CAMPONÊS NAS OBRAS DE PINTO DE MONTEIRO E DE ZÉ MARCOLINO

3.1 Vida e Obra de Pinto do Monteiro

Severino Lourenço da Silva Pinto (Pinto do Monteiro). Nascido no sítio Carnaubinha da cidade de Monteiro 1896 a 1991 foi vaqueiro da Fazenda Feijão e iniciou sua carreira como poeta em 1917, no sítio Angico Torto, município de SUMÉ-PB, na casa do poeta Manoel

Clementino, deixando como registrado seu primeiro poema como cantador. Essa figura legendária. Filho de um tropeiro com uma doméstica, Pinto experimentou muitas profissões, antes de ser poeta. Foi vaqueiro. Foi soldado de polícia, guarda de serviço contra a malária, auxiliar de enfermeiro, e vendedor de cuscuz no Recife.

Ele tinha 25 anos quando começou a cantar. Foram seus mestres de cantoria Saturnino Mandu, de Poções (PE), Manoel Clementino, de Sumé (PB), e José de Lima em companhia de quem foi para o Recife onde cantou com muitos repentistas daquele Estado.

Em 1940, já tendo adquirido bastante experiência como cantador e mestre em cantoria, viajou para o Amazonas, onde até 1946 exerceu as funções de guarda do serviço contra a malária, em Porto Velho, Guajaramirim, e em Boa Vista. Quando voltou veio morar no Ceará em 1947 muda-se para Caruaru (PE). E em seguida para Sertânea (PE), mais perto de Monteiro.

“E, como a maioria dos poetas populares analfabetos ou semi-analfabetos, Pinto também só aprendeu a ler já na fase adulta, isso lhe foi bastante para o aprimoramento dos seus conhecimentos em História Antiga e do Brasil, além de outros assuntos”. (SILVA, 2006). A característica marcante da cantoria de Pinto foi à naturalidade e rapidez de improviso. Cognominado "A Cascavel do Repente", Pinto era ágil, certo, veloz, e também venenoso e mortífero, deixando muitas vezes o oponente mudo e sem resposta nunca era o poeta que iniciava a cantoria sempre cantava em seguida.

Imagem 1 – Pinto do Monteiro



https://www.google.com.br/search?q=fotos+de+pinto+do+monteiro&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiD473lrJjdAhWQuVkKHaOMCxUQ_AUIDSgE&biw=1024&bih=494#imgrc=nkoT8fAlmyDnvM:

4 AS PESSOAS DO CAMPO FORJADAS POR PINTO DO MONTEIRO

4.1 SECA

A Região Nordeste do Brasil é assolada pela seca, resultado da sobreposição de dois regimes secas. A estiagem estendeu-se por toda a região do Polígono das Secas, que abrange municípios do Sertão nordestino e do Norte de Minas Gerais. A seca, além de ser um problema não só climático, mas principalmente político, é uma situação que gera dificuldades sociais para as pessoas que habitam a região. Com a pouca água torna-se difícil o desenvolvimento da agricultura e a criação de animais. Desta forma, a seca provoca a falta de recursos econômicos, gerando em tempos passados fome e miséria no sertão nordestino. Muitas vezes, as pessoas precisam andar durante horas, sobre o sol e calor forte, para adquirir água, em algumas situações suja e contaminada. Com uma alimentação precária e consumo de água de péssima qualidade, os habitantes do sertão nordestino acabam vítimas de muitas do descaso público.

Durval (1988, p. 84) afirma que a seca é a expressão mais ameaçadora para as pessoas do campo do Nordeste. Especialmente entre as mais desprovidas, a seca vai ser o ponto de partida para toda uma elaboração cultural e imaginária que fundamentara a posterior formação dos discursos das oligarquias. Quando esta sente a necessidade de polinizar o fenômeno, trazendo-o para o centro de um discurso articulando, transformando a seca como um dos principais problemas do Nordeste. Lembrando que o descaso político em relação à necessidade de infraestrutura e melhor tecnologia são altíssimos em todo o Brasil não só no Nordeste, a falta de políticos competentes e honestos e eleitores mais sábios em relação ao valor de seu voto é o principal fator de interferência de uma boa administração dos bens públicos. Os problemas sociais no chamado “polígono da seca” (são aqueles relacionados no Manual de Preenchimento da DITR, situados nos Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, compreendendo grande parte do Nordeste brasileiro geoeconômico), são bastante conhecidos por todos, mas nem todos sabem que não precisava ser assim. A seca em si, não é o problema.

Em certo lugar, chamado Boi Velho, atual cidade de Ouro Velho, chegou Manoel Filó, tratou do mote ao poeta Pinto do Monteiro e ao que estava cantando com ele: “O carão que cantava em meu baixio / teve medo da seca e foi embora”.

Se em janeiro não houver trovoadas,
fevereiro não tem sinal de chuva
não se vê a mudança da saúva

carregando a família da morada
 só se ouve do povo é a zuada
 pai e mãe, noivo e noiva, g que o genro e nora
 homem treme com fome, o filho chora
 se arruma e vão tudo para o Rio

**O carão que cantava em meu baixio
 teve medo da seca e foi embora.**

(CAZUZA, 2001, P.236)

No Nordeste a estação de chuva que é conhecida pelos camponeses como (época de inverno), em anos normais se inicia a partir do mês de janeiro e fevereiro se estendendo ate o fim de abril que é o tempo necessário para que os camponeses possam produzir alimentos para seu consumo, feijão milho, fava arroz de sequeiro que e armazenados em tambores de alumínio e será em muitos casos a principal fonte de alimento durante todo o ano, e ração para os animais que o fornecera pele carne ovos e mão de obra. A dependência do camponês em relação ao bom ano de inverno como assim é chamado o ano com boa regulação chuvosa, é algo muito marcante devido a necessidade de produção familiar, pois ate os dias atuais a falta de estrutura e conhecimentos de novas tecnologias de inovações para o pequeno camponês faz com que a sua sobrevivência na região de origem seja marcada pela estação chuvosa, ano com boa colheita consequentemente melhores condições de sobreviver na região de sua origem.

No sertão de clima desfavorável à reprodução do sertanejo que habitava o espaço rural, este aprendeu a viver e a conviver com a natureza. É por meio da observação sistemática desta que as experiências de inverno surgem enquanto alternativa de convivência. As observações são instigadas pela incerteza da condição climática e mais precisamente pela ocorrência de uma possível seca nos sertões (MENESES, 2009, P 20).

Segundo Meneses (2009, P 38), a seca acabou se convertendo em elemento central na formação histórica do sertanejo. Passa a moldar comportamentos e atitudes perante a vida, no imaginário sertanejo torna-se sina vontade de algo a mais ou menos imutável.

O texto converge para a idéia de que a agricultura familiar camponesa será um elemento essencial para a evolução de um futuro possível. Sua luta cotidiana pela sobrevivência é aqui encarada como batalhas diárias. Em vez de desaparecer diante das conjunturas cada vez mais asfixiante, como proclamam muitos teóricos e políticos, o Campesinato se define como um ator contemporâneo portador de uma força que une o passado e o futuro da humanidade. (PETERSEM 2009, P 15).

4.2 Vaquejada

Considerada um esporte, a *vaquejada* é uma atividade que ocorre na região Nordeste do nosso país, como no Rio Grande do Norte, em Pernambuco, no Ceará, na Paraíba, na Bahia, no Sergipe, entre outros. Embora típica dessa região, também podemos encontrá-la no Rio de Janeiro e em Minas Gerais (região Sudeste). No entanto, o berço das Vaquejadas é a cidade de Currais Novos, no Rio Grande do Norte. Para

Lima (2016) “vaquejada continuará a existir por ter raízes profundas na cultura Nordestina e por ser patrimônio imaterial do povo brasileiro. Vaqueiro, cavalo e boi são indissociáveis. É “também a vaquejada a fonte de renda de milhares de pessoas, de muitas famílias”.

Os torneios foram sendo aprimorados. As montarias, formadas por cavalos nativos da região, foram sendo substituídas por animais de melhor linhagem. Da mesma forma, o chão batido deu lugar a uma superfície de areia, com limites definidos e regulamento. Agora cada dupla tinha direito a correr três bois. No final da *vaquejada*, era feita a contagem de pontos, a dupla que somasse mais pontos era campeã, recebendo um valor em dinheiro. Esse tipo de *vaquejada* é denominado até hoje de “bolão”.

Onde já vi muito gado
 No olho d’água do cunha.
 À noite pra bebida
 Vinha na ponta da unha
 Pra bebe não bebia
 Só conhecendo que havia
 Vaqueiro por testemunha.

Pinto do Monteiro

Este poema é de meu próprio conhecimento passado por outros apreciadores, Gado mandingueiro (gado criado solto na Caatinga com pouca presença do homem, eram ferrados com a marca da Fazenda e soltos) pouco domesticado, os vaqueiros eram chamados para captura dos animais na “manga” (Caatinga) para que o Major (fazendeiro) pudesse então vender ou curar algum ferimento do animal. Devido ser animais bravos (pouco domesticados) vem para a bebida (bebedouro barragem) matar a cede durante a noite evitando o encontro com o

vaqueiro, que possui o costume de fazer tocaias (espera do animal no bebedouro para facilitar a captura).

Segundo Lima (2016) “a vaquejada hoje é considerada um esporte, festa, espetáculo, ritualística, tem forma e é objetivos metas artísticas expressão de linguagem. Trata-se de costume que atravessou séculos, tornando-se esporte de tradição”.

Na fazenda feijão

Eu também já fui vaqueiro

Quebrei muito quebra faca

Mororo e marmeleiro

Eita sujeito de gado

Bicho do corpo ligeiro

Pinto do Monteiro

Este poema é de meu próprio conhecimento passado por outros apreciadores. Fazenda feijão localizado no Município de SUMÉ-PB Cariri paraibano, local onde o compositor antes de exercer a profissão de artista (Poeta) era vaqueiro, ato representado na frase, Na *fazenda feijão eu também já fui vaqueiro*, uma das atividades mais representativas da profissão do vaqueiro é pegar boi no mato (capturar o boi e trazer para o curral), atividade que hoje é reconhecido pelos nordestinos como esporte vaquejada. O objeto da vaquejada consiste basicamente na competição pela qual uma dupla de vaqueiros, montados em cavalos distintos, tenta derrubar o gado puxando-o pelo rabo (calda) a fim de dominá-lo. Essa competição ocorre em uma área delimitada, demarcada pela organização do evento.

Já a pega de boi no mato consiste em capturar apenas o animal desejado pelo dono e o levar até o curral, possui maior risco de ferimentos para o vaqueiro e seu cavalo pois a captura normalmente é feita dentro da caatinga, que para isso é necessário que o vaqueiro ao soltar o cavalo atrás do boi, como assim é chamado o momento de início a perseguição para a captura do animal o vaqueiro é obrigado a se estender na lateral do cavalo pois não consegue correr sentado na sela devido aos galhos da mata que o oferecem risco, como proteção do seu corpo usa o gibão (roupa de couro bovino que oferece resistência contra os espinhos das plantas da caatinga).

Segundo Lima (20016) a origem da vaquejada se deu no Nordeste e a sua prática nos diversos Estados guardando, assim, uma intrínseca relação com tal cultura, cultivando desta

forma a origem do nosso território. A coragem do vaqueiro de enfrentar a mata protegido apenas com o gibão (roupa de couro de boi serve pra proteção do corpo do vaqueiro), quebrando galho com o próprio corpo ato representado na frase, *Quebrei muito quebra faca Mororo e marmeleiro* (quebra faca, cróton conduplicatus, dado este nome ao arbusto devido a sua rigidez podendo chegar a quebrar facas).

Vaqueiro e pra retirar couro

Espichar³ tirar correia

Ensebar cabresto e peia

Rebaixar o bebedouro

Visitar o logradouro

Fazer correia de sola

Pra prespontar rabichola

Tirar leite capar bode

Quem é vaqueiro não pode

Ser cantador de viola.

Pinto do Monteiro

Este poema é de meu próprio conhecimento passado por outros apreciadores. Antigamente, quando não havia cercas (divisórias, piquetes) no sertão Nordestino, os *bois* eram marcados e soltos na mata. Após alguns meses, os vaqueiros, eram contratados pelos coronéis, entravam na mata cerrada em busca dos animais, fazendo malabarismos com seus cavalos para escaparem dos arranhões de espinhos e pontas de galhos secos. Mesmo assim, os bravos *vaqueiros* perseguiram, laçavam e traziam os bois aos pés do coronel. Essa valentia e habilidade dos peões fizeram com que surgisse, décadas depois, a vaquejada.

Os anos foram passando e alguns fazendeiros nordestinos passaram a promover um tipo de vaquejada onde os vaqueiros tinham de pagar uma taxa para participar da disputa. O montante era revertido para a premiação dos vencedores, bem como para a organização do evento. Assim a vaquejada cresceu, atualmente existem clubes e associações de *vaqueiros* em

³ Espichar; esticar

Ensebar; passar nas celas gordura de carneiro para proteção do couro

Rebaixar; cavar o bebedouro para encontrar mais água no subsolo.

todos os estados do Nordeste, o surgimento de calendários de eventos e patrocinadores famosos, gera vários empregos diretos e indiretos, todos relacionados a essa competição.

Durval (1988, p. 86) define a importância da poesia como fonte para o historiador, por ser fruto de uma memória coletiva e ser como o pano de fundo uma realidade social concreta e defendida. O cordel é uma produção de homens ligado ao Campesinato e para ele dirigido, havendo certa identidade entre os poetas popular e os fregueses, identidade de visão do mundo, mas de uma base cultural comum.

4.3 Migração

De acordo com Ibamedes (2011) a migração dos nordestinos para a capital São Paulo, como corroboram vários estudos, não é uma história recente. O êxodo rural destes migrantes inicia-se desde a principal metade do século XIX, quando dos primórdios do processo de aumento capitalista no Brasil, em que São Paulo se destaca enquanto polo hábil de repercussão nacional. Esta migração se energiza a partir da década de 1940 com o aumento da indústria que requer uma crescente abundância de trabalhadores. O grande eventual populacional que se agrupa na região Nordeste é assinalado pela contradição de sobrevivência no campo, cuja política, voltada para a concentração fundiária, favorece a agricultura de exportação e acaba por repudiar os pequenos agricultores que se dedicam às culturas de subsistência. Os problemas sociais no chamado “polígono da seca” são bastante conhecidos por todos. Na cidade de Brejinho PE, 1977, Pinto do Monteiro cantando com o poeta Manoel Zulu trataram o tema na cantoria falando sobre a migração do homem do nordeste para a capital Bandeirante (São Paulo), Pinto cantando sobre o êxodo rural do nordeste fez esta sextilha⁴.

Os homens do meu Nordeste
 Estão desaparecidos
 Nas estradas de São Paulo
 Os caminhões entupidos
 Conduzindo os enganados
 Trazendo os arrependidos

(CAZUZA 2000, P 87)

⁴ Sextilha; verso de seis estrofes (frases).

A migração do nordestino é marcada por uma busca insaciável do ser humano por melhores condições de vida, são alguns casos estes imigrantes nordestinos obrigados a abandonar seu local de origem, iludidos por uma visão de desenvolvimento social, onde tais se submetiam a viagens em pau de arara (caminhão coberto, dotado varas longitudinais na carroceria, usado para transporte de passageiros, é utilizado principalmente para transporte de imigrantes nordestinos para demais regiões do país; caminhão que transporta retirantes nordestinos), para muitas vezes deram se arrepender e retornarem suas origens.

Segundo Wortmann (1990, p 37) a ‘migração tem um sentido simbólico ritual para além de sua dimensão prática, parte de um processo que reentrega a pessoa na sociedade de com ou status transformado de rapaz’.

A partir do século XIX as migrações se intensificaram no Nordeste, motivadas, sobretudo, pela seca. O drama da população Nordestina, agravado no período da estiagem, tem como conseqüência a tragédia das retiradas de jovens motivados a mostrarem par o mundo que é capaz de assumir a responsabilidade de homens como em muitas vezes motivados para casar. Esses movimentos estão representados nas regiões sem rumo certo, de natureza intra-regional, e chegaram a formar correntes migratórias. Na migração sem rumo certo, comumente as populações flageladas procuram socorro nas capitais do litoral nordestino ou em municípios fixados nas chamadas manchas úmidas do Sertão, áreas menos abordadas pela seca. Quando o camponês se refere viajar para o sul ele não faz referência exatamente para São Paulo ou Rio, mas sim as regiões de brejos (manchas úmidas) regiões litorâneas para trabalharem em plantios de cacau ou cana de açúcar, sejam com o corte ou transporte em lombos de burro para os engenhos (moendas) os almocreves (tropeiros imigrantes) a exemplo de alguns do cariri paraibano carregavam os animais com a casca do angico que era muito utilizada para curtir o couro, e levavam nas costas de burros jumentos ou cavalos até Caruaru na sorragem e vendiam, de lá muitos migravam para Arapiraca ou outra cidade litorânea do Nordeste, trabalhavam nas colheitas adquiriam algum dinheiro compravam mantimentos (alimento, material para comercio) e voltavam para o cariri com os animais carregados para que então pudesse alimentar sua família que o ficava o esperando seu regresso.

“Já as grandes correntes migratórias se formaram muitas induzidas pelo comando tendo, como causa a elevada importância econômica que admitiram determinadas atividades em determinadas regiões do Brasil” (PETERSEN, 2009 P, 42).

4.4 Vida e Obra de Zé Marcolino

O Nordeste é conhecido por suas culturas. A mais triste representada pela miséria e pela seca. É a mais alegre representada pela festividade e hospitalidade de sua gente. É também a terra conhecida pelos seus poetas e cantadores. Um desses inúmeros poetas é conhecido como Zé Marcolino. Que no dia 20 de setembro de 1987 suas obras se imortalizavam com sua morte.

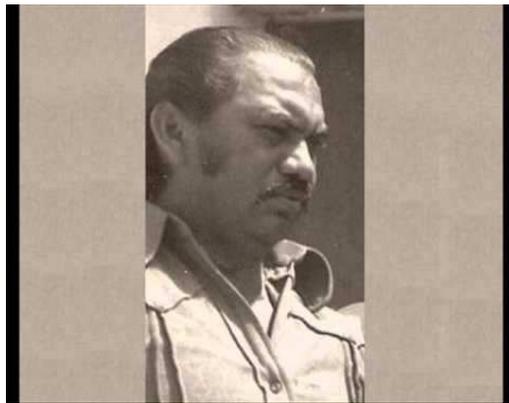
Com o luto de três dias decretado pelo prefeito de Serra Talhada-PE, por ocasião da morte do poeta que escolheu aquela cidade para viver até o seu dia de acidente, teve estatuas, praças e outros logradouros erguidos em sua homenagem, Coisa importantes para um simples Caririzeiro. Nasceu em SUMÉ-PB na Paraíba, foi berço da poesia do Pajeú e do Cariri, veio a luz no dia 28 de junho de 1930. Conheceu Luiz Gonzaga em SUMÉ-PB, foi o início de uma grande frutífera parceria. Que na temporada o velho Luiz, gravou o disco intitulado “O Velho Macho” e seis músicas de Zé foram gravadas neste disco. A música e a poesia sempre ocuparam um papel de destaque na cultura em geral, a música é o signo cultural pelo qual somos conhecidos internacionalmente no mundo inteiro. Nossa dicção é o diferencial que nos singulariza como marca de expressão de nossos hábitos, valores, modos de vida, maneira de ser, agir e pensar. (Pereira, 2000, p. 09) Passagem repetida.

Pai Cearense e Mãe Paraibana, Zé Marcolino casou-se com Maria do Carmo Alves no dia 30 de janeiro de 1950 com quem teve os seus seis filhos. Mais de 50 cinquenta músicas de sua autoria foram gravadas por Luiz Gonzaga e diversos outros cantores. Segundo Luna (2008) a obra de Zé Marcolino é prenhe dessa constatação da universalidade do lugar onde nasceu e formou sua visão de mundo, o “Sertão de aço”, nome de outra composição presente no mesmo disco:

As obras de Zé Marcolino é uma forma de constatação da universalidade do lugar onde nasceu e formou sua visão de mundo, o “Sertão de aço”, nome de outra composição presente no mesmo disco: “Se você visse como é o meu sertão/Aí você diria que eu falo com razão”. Para Pereira (2000) às estruturas que formam uma sociedade dada, ou seja, muitas letras de músicas podem trazer algo que não está explícito na letra e que com análise percebe-se o fato presente no contexto que ela se encontra, pois toda música é feita com as marcas de seu tempo e do lugar social do autor. Algumas das obras foram, Fogo sem fuzil, Sala de reboco, Pássaro carão, Fogueira de São João.

Estes poetas, Pinto do Monteiro e Zé Marcolino, vão inspirar outras gerações mais recentes, na região do Cariri Paraibano, que também vão cantar sobre a vida e o cotidiano do camponês. Pois os poemas a serem analisados são representações de uma história vivida, ou que possuam um contexto de realidade, tendo em vista que o conteúdo encontrado para linha de pesquisa apareça como fonte de representação, da vida e do cotidiano do agricultor Nordeste (camponês). Essa pesquisa está fundamentada na vertente da literatura de cordel como narrativa, que em seu texto possui a descrição da vida de trabalho de seca de vitórias e seu local de origem, sobretudo a importância de esclarecer a identidade camponesa de modo que visualizemos os diferentes lugares e momentos de uma realidade social.

Imagem 2 – Zé Marcolino



<https://www.google.com.br/search?q=fotos+de+ze+marcolino&oq=fotos+de+ze+marcolino&aqs=chrome..69i57.9551j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

5 AS PESSOAS DO CAMPO FORJADAS POR ZÉ MARCOLIN

5.1 Experiências Climática e Medicinal

Na literatura as experiências, a saber: primeiramente que, ao longo do tempo e espaço, os camponeses apreenderam esse saber, e os chamados “profetas”, (pessoas da comunidade reconhecidas publicamente pela habilidade na realização das experiências). Estes foram nomeados como “Profetas da Chuva”, Profetas do Sertão ou “Profetas-celebridades”, termo adotado pelo autor (poeta popular) para distinguir, entre os profetas aqueles cujo conhecimento é veiculado em meios midiáticos de massa (rádio e televisão). No Sertão de clima desfavorável Taddei (2009), disserta que o sertanejo desenvolveu as “experiências de inverno”, as quais consistem na observação sistemática da natureza para prever o tempo, conforme se observou anteriormente a realização destas experiências está ligada principalmente à ocorrência de secas periódicas na região.

Para Durval (1988, p. 84), ‘‘o saber popular a respeito da seca, e a elaboração em torno dela e a sua articulação com outros temas e vida do Campesinato nortista e o que buscamos aprender, dentro de uma perspectiva’’. Que leve a em conta a evolução deste discurso. A principal conclusão que podemos chegar é que na poesia, é a forma que podemos ser atribuídos aos significados das obras do camponês, a forma e as interações são constantes, que possuem variáveis interpretações, não apenas em nível social, mas ao mesmo tempo a novel individual.

Os sertanejos fazem uso de diversos elementos paisagísticos para realizar suas atividades, o movimento dos astros e conhecimento tradicional, tais conhecimentos como, a experiência da Santa Luzia, que ocorre na data 13 de dezembro (se por acaso ocorrer alguma chuva neste dia significa que fevereiro do próximo ano será um mês com boa precipitação) a barra do sol posto na data 18 de outubro, o camponês observa o por do sol, se for por trás de alguma nuvem torrencial, quanto maior a torre de chuva que o sol se por mais a probabilidade de haver inverno no ano seguinte um bom inverno, chuva na fogueira de São João, e a experiência das eras, pelo calendário do camponês indica que a cada ano com terminação ímpar não é tão bom o inverno ex; seca de 1915, 2013, 2015, as experiências de inverno são repassadas de geração a geração no processo de hierarquização dos mais velhos para os mais jovens.

Pássaro Carão, baião (José Marcolino/Luiz Gonzaga) (1962).

Pássaro Carão cantou

Anum chorou também

A chuva vem cair

No meu sertão.

Vi um sinar, meu bem.

Que me animou também

Ainda ontem vi

{Pólvora no chão} bis

É bom inverno que vem

É chuva cedo que tem

O nosso plano de além

É de casá

Se Deus quiser Agora

Faço um ranchinho
Prá nós juntinho, meu bem.
Nele morar...

(SILVA 2010. p)

Nessa composição, *Pássaro Carão*, representa uma das muitas experiências do homem do campo em relação ao retorno das chuvas na região nordestina, também retrata a vontade de haja inverno no Sertão. Quando o pássaro ecoa seu canto anunciando a chuva, retrata perene do sertanejo de que a terra amada possa, enfim, florescer na plenitude de suas experiências.

Segundo Taddei (2009) o conhecimento dos sertanejos que vivem na zona rural do sertão nordestino em relação às experiências de inverno apresenta-se como uma das estratégias para minimizar os riscos e prejuízos que as secas poderiam causar. O Sertão do Seridó ou os Sertões do sertão, como relatou Farias (1980), apresenta-se como um espaço de referência para estudos relacionados às experiências de inverno, uma vez que lá residem muitos Profetas-celebridade.

Por milhares de anos o ser humano necessitou compreender e interagir com a natureza pela sua sobrevivência, tais fatos o ensinaram aos homens e mulheres técnicas medicinais a base de plantas e erva, técnica conhecidas como fitoterápicas. Para Silva (2010, p 31), “os versos de Marcolino evocam a importância da terra nordestina para o autor que dá ênfase ao Sertão: seus costumes, suas crenças, a maneira do sertanejo olhar e entender a natureza, calcular a vinda da chuva, cheiro dessa terra molhada e o florescer da lavoura” (SILVA, 2010).

A agricultura camponesa tende a ser baseada principalmente em um capital de recursos não mercantilizado associado a uma circulação de recurso também não mercantilizada (derivada do trabalho de Vitor Toledo), na qual letra N refere se a natureza; S, a sociedade, e P, a produção camponesa é baseada numa relação de troca não mercantilizada com a natureza. Ela somente se insere na forma de mercadorias e não ocupa papel central na mobilização de recursos. Se não todos, pelo menos a maioria dos recursos resulta na co-produção do ser humano com a natureza viva (a exemplo disto a terra bem fertilizada e trabalhada, gado bem cuidado selecionado e bem reproduzido, sementes selecionadas) se, no entanto o circuito de mercadoria começam a exercer um papel de recursos na mobilização de recursos, a produção agrícola passa a se tornar parte do universo da agricultura empresarial (e/ou capitalista) (PETERSEN, 2009, p19).

5.2 Retornos, Festa e Cultura

O Nordeste brasileiro tem-se caracterizado como uma área de intensos fluxos migratórios. No cerne desses movimentos podem ser localizados alguns fatores historicamente conhecidos, como a estagnação econômica, as mais diversas manifestações de desigualdades sociais, sobretudo os elevados níveis de desemprego nas áreas urbanas da região. Para Cunha e Barniger (2000) as transformações na estrutura produtiva brasileira e as novas configurações do desenvolvimento regional que se delineiam a partir da década de 70 ambientam importantes modificações na dinâmica migratória nordestina. O processo de desconcentração econômica, amparado pelas políticas de incentivo ao investimento industrial no Nordeste, influencia o comportamento da migração nordestina na década de 80, onde se destacam os fluxos de retorno.

Para Durval (1988, p. 86) identidade de aspirações e de visão de mundo, que nascem de uma base cultural comum. O poeta popular, ao procurar agradar seus leitores, reproduz a lógica dominante de seus valores, tornando a cultura uma manifestação de caráter popular e camponesa. A identidade camponesa através do cordel no nordeste é um ato secular, cuja suas características dominantes e a visão criada de forma única de seus aspectos de suas origens. A poesia popular para o poeta e forma vista der apresentação de sua região, funciona como jornal informativo que narra varias formas de vários assuntos esse que em na maioria das vezes e voltada logicamente à vida e a visão do homem do campo.

Na década de 90, a migração originada do Nordeste reaquece o comportamento do período que se estende até os anos 70, no qual se destacam os fluxos para o Sudeste e Centro-Oeste, sendo que essa retomada ocorre ao mesmo tempo em que a migração de retorno à região também intensifica os seus fluxos, constituindo, assim, uma novidade revelada pelo (Oliveira, 2003).

Essas transformações na estrutura econômica nordestina constituem o ambiente sobre o qual se pode, agora, analisar a participação do trabalho e outros fatores no conjunto de motivações para retornar à região. Antes, porém, são necessários alguns esclarecimentos metodológicos acerca da definição da migração de retorno, já que ela pode ser estudada a partir de duas modalidades. A primeira, denominada de *retorno de única etapa* refere-se à pessoa que, retornada à unidade federativa - UF de naturalidade possui igual tempo de residência no município de enumeração, podendo ser enumerada no município que nasceu ou não. O *retorno com mais de uma etapa*, por sua vez, é realizado pela pessoa que, após ter retornado à UF de naturalidade, efetua etapas migratórias dentro do estado, antes de, finalmente, ser enumerado

no município de nascimento ou outro qualquer - o que justifica ser o tempo de residência no município de enumeração inferior ao verificado na UF (RIBEIRO, 1997). Uma expressão fascinante desta cultura e a musica fogo sem fuzil (Luiz Gonzaga/José Marcolino-1965)

Eu esse ano
 Vou-me embora pro sertão.
 Pra dançar pelo São João
 Farrear com mais de mil
 Ver os velhotes
 Atirar de granadeiro
 E a moçada no terreiro
 Tirar fogo sem fuzil

A meninada a brincar de ané
 Pamonha e café sempre na mesa
 E as moreninhas
 Prá servir com alegria
 Quando for no outro dia
 Tem buchada com certeza

(CAZUZA 2001, p 215)

O poema retrata a ansiedade do filho para retornar a casa dos pais nas épocas de festividades, e de colheita, que logo é confirmada no início do poema com as frases, *Eu esse ano vou-me embora pro sertão, pra dançar pelo São João farrear com mais de mil.* demonstra ao mesmo tempo uma valorização de vivência sobre cultura e suas festividades, destacando a paixão por suas origens. Logo vemos uma narrativa das brincadeiras de fogueira e comidas típicas resultado do trabalho do camponês *A meninada a brincar de ané pamonha e café sempre na mesa.*

De acordo com Brandão, 1975 apud (Ferreira 2017), a partir da contextualização da economia rural, ou seja, como os camponeses se apropriam do trabalho, ficam evidentes algumas relações sociais para além do consumo, pois, possuem crenças locais de produção, acesso, circulação e consumo da comida, às quais propiciaram que Brandão dividisse o estudo em duas partes: as representações das condições sociais da produção e as crenças relativas ao consumo de alimentos. O as essas leituras, através do meu próprio conhecimento e amor a cultura foi possível verificar que, existem várias ordens em relação ao comer: “as duas primeiras quando o lavrador define sua experiência como um agricultor de cereais: a terceira quando se apresenta como um dos consumidores da comida do lugar”.

De acordo com Brandão (1975, p76), essas combinações, ou mesmo, noções que regem e legitimam a vida dos camponeses está marcada no simbólico e no material, indivíduo e sociedade, os quais apontam o subjetivismo e objetivo da noção de prática e da arte do fazer. Essa análise do poema merece destaque ao representar ideologicamente várias relações entre a natureza com a sociedade camponesa, mediado por um produtor e ao mesmo tempo o destaca como um consumidor de alimentos naturais e fortes, da qual segue reflexão das suas festividades – a mata e a roça estão em conjunto com a ideologia das relações entre o produtor de alimentos e as condições naturais da produção.

Numa Sala De Rebouco-xote (José Marcolino/Luiz Gonzaga-1964)

Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
 Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco
 Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
 Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco

Enquanto o fole ta fungando ta gemendo
 Vou dançando e vou dizendo meu sofrer pra ela só
 E ninguém nota que eu estou lhe conversando
 E nosso amor vai aumentando
 Pra que coisa mais melhor?

Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
 Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco
 Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
 Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco

Só fico triste quando o dia amanhece
 Ai, meu Deus se eu pudesse acabar a separação.
 Pra nós viver igualado à sanguessuga
 E nosso amor pede mais fuga do que essa que nos dão.

O xote é um ritmo musical muito conhecido na Região Norte e faz parte das composições musicais, é um ritmo mais lento, para se dançar a dois. “O xote é uma cadência musical que tem como ancestral uma dança de salão portuguesa. Este ritmo nasce, porém, na Alemanha, originalmente intitulado Schottisch” (DAYSEANE, 2011).

Segundo Silva (2010, p. 44), “essa música é uma das mais conhecidas páginas do repertório de Luiz Gonzaga. Lançada em 1964, no álbum do disco *A triste partida*, de Luiz Gonzaga, está presente aquele que ficaria sendo o maior sucesso de Zé Marcolino, o xote *Sala de reboco*”.

Musica em ritmo de xote (ritmo do forró mais lento para se dançar a dois) é um ícone das músicas populares do Nordeste, representa bem as festas no pé de serra. Numa casa de taipa rebocada por barro muitas vezes pelo próprio dono, onde não utilizava instrumento para isso, mas sim as próprias mãos, a sala era um dos locais de festas assim como a latada da casa, em épocas de colheitas (São João). Os namoros eram as escondidas devido ao dar se o respeito ao dono da casa e o pai da moça, ato representado na frase, *Vou dançando e vou dizendo meu sofrer pra ela só. E ninguém nota que eu estou lhe conversando e nosso amor vai aumentando Pra que coisa melhor?* Em uma entrevista dada pelo autor da música Zé Marcolino em 1976, para a TV Tambauba, do estado de Pernambuco, ele afirma ter vivido estas façanha quando era rapaz e em lembrança ao acontecido a campos e logo veio a ser um grande sucesso.

Em sua página over mundo, Abílio Neto (2012) cita um trecho de uma entrevista que fizera com Zé Marcolino sobre o significado da letra dessa música:

O que me levou a compor 'Numa Sala de Reboco', por exemplo, foi o seguinte: no sítio, no dia em que a casa é rebocada, sempre há uma festa. O pai da moça, por mais severo que ele seja mesmo não permitindo o rapaz pegar na mão de sua filha, não fará objeção que eles dancem o forró, permitindo, assim, uma aproximação maior (ABILIO, 2012).

Com isso, se percebe que nessa época a dama não podia deixar de dançar com o cavalheiro, seria uma falta de respeito e nada melhor que aproveitar o momento que as casas eram rebocadas, pois depois teria uma festa para comemorar a sala rebocada. A festa e o namoro em um espaço privado: a sala da casa. O samba na sala fazia parte da cultura da região: o trio tocando no pé da parede, os “cavalheiros” chamando as “damas” para dançarem e o mestre sala

cobrando uma “cota” para pagar os tocadores. Marcolino canta a festa sertaneja misturada ao trabalho. Festas Juninas para agradecer a colheita, festa na “queima da caieira” dos tijolos para fazer a casa, festa quando debulha o milho e feijão, festa quando reboca a casa.

O xote é um ritmo musical muito conhecido na Região Norte e faz parte das composições musicais, é um ritmo mais lento, para se dançar a dois. “O xote é uma cadência musical que tem como ancestral uma dança de salão portuguesa. Este ritmo nasce, porém, na Alemanha, originalmente intitulado Schottisch” (DAYSEANE, 2011).

Musica de Zé Marcolino, Na fogueira de são João.

Na fogueira de são João eu quero brincar
 Quero soltar meus balão e fogueiros queimar
 Seu Januario venha ser o meu parceiro
 Não se esqueça da sanfona para animar o terreiro
 Traga a fãmia que nós tem muito prazer
 De dançar com suas fia ate o dia amanhecer.
 Na fogueira de são João eu quero brincar
 Quero soltar meus balão e fogueiros queimar.

(CAZUZA 2001, p 216).

A música narra à festa de fogueira, suas brincadeiras de ciranda e forró autêntico, a alegria das famílias ao se divertirem em volta da fogueira, vemos ao mesmo tempo a narrativa do pai e tocador de sanfona, Januario, que alguns agricultores idosos me afirmaram que era um agricultor do município de SUMÉ-PB e homenageado na música do poeta Zé Marcolino que o conheceu e descreveu seu grande momento como pai de família, como Nordestino e além do mais tocador de sanfona.

Para Bento (2018), poesia popular é o modo puro e direto de animar e consolar os espíritos fadigados através da arte de fazer versos. Cantar os sentimentos do povo cuidando-lhe dos sonhos, ironizando as dificuldades, exibindo o fantástico e construindo cenas do dia-a-dia numa linguagem simples, sem mistificar a realidade, mas apresentando sempre o mundo literalmente real.

O mês de junho é marcado pelas festas juninas. Em muitas cidades do Brasil o povo costuma se reunir para festejar Santo Antônio, São João Batista, São Pedro e São Paulo. É neste mês que acontece um fenômeno natural interessante: no hemisfério Sul, o dia é mais curto e a noite mais longa e no hemisfério Norte, o contrário, o dia é mais longo e a noite mais curta. Tal

fenômeno era motivo de celebrações em meio aos povos antigos, que pediam colheita farta e aproveitavam para agradecer as já realizadas. No encontro com as diversas tradições regionais, as festas juninas foram adquirindo contornos característicos. No Brasil, tornou-se tradição, por exemplo, o erguimento do mastro, o estender bandeirinhas e pendurar balões coloridos, o forró e os fogos de artifício. As comidas típicas em sua maioria derivam do milho: canjica, bolos, pamonha pipoca. No entanto, é na região Nordeste que os festejos populares ganham maior expressão. Vale lembrar que a tradição de fogueira e algo que foi trazido pelos imigrantes europeus na invasão do continente Americano e não algo criado pelo camponês brasileiro.

Durval (1988, p. 91) afirma que quanto à questão da veiculação da realidade ou não. No nosso trabalho o que interessa não é a realidade em si, mas a produção desta, mas a produção da verdade.

A poesia é o narrador do fenômeno das secas e associou-se a outros temas populares vividos por camponeses dando origem a sua imagem popular e o discurso em torno de si e sua própria vida de homem do campo. A poesia evoluiu literalmente para um foco dominante de expressão de narrativa da vida do homem do campo do Nordeste, nada e tão bem expressivo culturalmente como a poesia e para o camponês Nordestino. A poesia é um reforço ao conhecimento do tradicional trabalho do campo no Nordeste tendo como toda sua história portadora de uma narrativa ou mensagem moralizante reforçando seus valores de quais que ameaças de determinadas mudanças ou aspectos que não conduz com a obra do Nordeste.

Para Durval (1988, p. 89), eles se vêem como uma porta voz de uma cultura popular e tradicional, que precisa e ajuda na preservação do próprio mundo ao seu entorno. Sua mensagem visa influenciar a sua manifestação dos valores tradicionais. A partir da contextualização da economia rural, ou seja, como os camponeses exercem seu trabalho ficam evidentes algumas relações sociais para além do consumo, pois, possuem crenças locais de produção, acesso, circulação e consumo da comida, as quais propiciaram que

Caboclo Nordestino-baião (José Marcolino-1963)

Caboclo humilde, roceiro.

Disposto, trabalhador

No remexer da sanfona

Escuta este cantador

{Que no baião fala ao mundo} bis

Teu grandioso valor

E do caboclo que vive
 Com a enxada na mão
 Trabalhando o dia inteiro
 Com a maior diversão
 Sem invejar a ninguém
 Satisfeito a trabalhar
 Cada vez mais animado
 Esse teu suor pingado
 Grandeza e honra te dar

Na tua humilde palhoça
 Só se ver felicidade
 E quando chegas da roça
 Te sentas mesmo à vontade
 Pra comer teu prato feito
 Na mesa ou mesmo no chão
 A filharada em rebanho
 O teu prazer é tamanho
 De quem possui um milhão
 Aqui nesta vida humana
 Ninguém é melhor que tu
 Escuta esta homenagem
 De um cabra do Pajeú
 {E outro do Rio Brígida} bis
 Dos carrascais do Exu

(SILVA 2010, p 42).

As suas letras refletem no universo sociocultural do camponês que trabalha pesado, mas que vive feliz “tendo a consciência de classe, sabe que é pobre, mas feliz e trabalhador”. Declama a ideologia do trabalho forjado durante a Era Vargas (1930-1945), de um trabalhador digno e honrado diferente, que organiza a luta de classes ou que vive no ócio e na “malandragem”, “vagabundagem”. Também mostra a figura da família tradicional e o estilo de moradia desta.

Para Pereira (2000), a análise das canções como imaginário social traz consigo a ideia de algo que atua nas construções de valores e conceitos de uma sociedade, na difusão de

modelos comportamentais e ainda, expressa aquilo que é captado do cotidiano. De tal idéia surge a questão da circularidade cultural da música que foca suas tradições.

5.3 Amores, as suas origens e seu trabalho.

Como não ter amor ao Nordeste, a sua terra, tão rica em cultura e tradição, valorizada por quem faz esta cultura (o camponês), É neste Nordeste tão querido por ele e por muitos que aqui vivem, não possui tudo o que é preciso, mas possuem termos de harmonia e respeito com a família. Na agricultura uma paixão pelo que faz diariamente, com o raiar do sol é cantar dos pássaros após uma noite de trovoadas, é uma verdadeira prova de um ano de farturas e riquezas, trabalha com orgulho em conjunto com a família, para o camponês não existe nada melhor. O contato com a natureza, a terra plantada, os animais sadios robustos, decifram como e o retorno de suas lutas de todos os seus dias no campo, agradece a Deus a cada refeição, por cada dia que amanhece e por cada noite ao repousar, a própria paixão pelo seu ranchinho humilde, mas de grande valor, tem como lei a harmonia e o respeito entre pais e filhos.

Temos como grande representação deste cenário uma musica de Zé Marcolino, que narra à vida do seu próprio pai Pedro Marcolino Alves.

Saudade imprudente 1960.

Oh que saudade imprudente
 No meu peito martelando
 Quando estou só me lembrando
 Da minha vida na roça

I

Quando alegre um rouxinol
 Cantava pelo arrebol
 Quando centelhas de sol
 Penetravam na palhoça

II

Minha casa era de arrasto
 Frente virada pro norte
 Pra ser feliz, pra dar sorte

Pra não se dá coisa ruim

III

Parece aquilo eu tá vendo

Pela lembrança, doendo

E a saudade trazendo

Tudo pra perto de mim

IV

Conversa sem protocolo

De fácil vocabulário

Sem precisar calendário

Eu fazia anotação

V

Na minha imaginação

Eu achava tão comum

Contar mês de trinta e um

Nas dobras da minha mão.

VI

(Caricaturas. 200)

A música *Saudade Imprudente* de Zé Marcolino, é uma homenagem ao seu pai Pedro Marcolino Alves, descreve sua casa de origem, construída no sítio várzea município de SUMÉ-PB, a saudade que seu pai sentiu por ter que partir de suas terras e migrar para a cidade, ato bem representado nas frases do primeiro verso, *Oh que saudade imprudente, no meu peito martelando, quando estou só me lembrando, da minha vida na roça*, é uma boa representação de amor a suas origens e suas crenças, observamos também uma valorização de superstições que geram um hábito interessante sobre o camponês, bem representada nas frases, do terceiro verso; *Minha casa era de arrasto, frente virada pro norte, pra ser feliz, pra dar sorte, pra não se dá coisa ruim*.

Para Coren (2003), as origens das credices e superstições são tão antigas quanto a própria humanidade. No Brasil, chegaram com os portugueses, mesclaram-se às crenças dos indígenas e posteriormente a dos africanos escravos. E com o decorrer do tempo foram incorporadas à cultura brasileira juntamente com as crenças de outros imigrantes que aqui

aportaram. O poeta narra uma vida de facilidades e de aprendizagens de técnicas que o adapta a sua orientação no campo, devido em muitos casos a falta de estudo, ato bem representado no último verso: *na minha imaginação, eu achava tão comum, contar mês de trinta e um, nas dobras da minha mão.*

O trabalho no roçado, na lavoura, no cuidar dos animais para muitos é uma atividade intensa (pesada), mas para as pessoas do campo é apenas mais um dia de vitórias, não necessita de relógio seu horário é regido pelo sol do meio dia ou sol posto, se faz também para saber da hora o relinchar do jumento que possui costume de relinchar em hora em hora em dias muito quentes, onde ele (a) recolhe suas colheitas diárias e levam para casa para então poder alimentar a si e sua família.

Serrote Agudo-toada baião (José Marcolino/Luiz Gonzaga) (1962)

Passando em Serrote Agudo

Em viagem incontinente

Vendo a sua solidão

Saí pesando na mente

Eu vou fazer um estudo

Prá contar a miúdo

Quem já foi Serrote Agudo

Quem está sendo no presente

Já foi um reino encantado

Foi berço considerado

Quem conheceu seu passado

Acha muito diferente

Aonde o touro em manada

Berrava cavando o chão

Fazendo revolução

Nos tempos época de trovoadas

Dando berro enraivado.

Por achar-se enciumado

Do seu rebanho afastado
Vacas que lhe pertenciam

A sombra do Juazeiro
Já lhe esperando o vaqueiro
Com seu cachorro trigueiro
Como seu grande vigia

Vaqueiros e moradores
Encantos, belezas mil.
Onde reinavam os fulgores
De um major forte e viril

Rijo, porém animado.
Fazia festa de gado
Onde o vaqueiro afamado
Campeava todo dia
Hoje sem Major sem nada
Só se ver porta fechada
Não se vê mais vaquejada
Não reina mais alegria

(SILVA 2010, P 39)

A fazenda Serrote Agudo fica no município de SUMÉ-PB, próximo a cidade de Amparo-PB. Segundo Dimas Marcolino, filho de Zé Marcolino, Serrote Agudo foi uma fazenda de muitos moradores, muito gado, de tudo tinha muito em termos de boa produção, descaroçava algodão, criava gado ai foi se acabando, se acabando com o tempo e a ausência de seu dono o Major Alfredo Mayer”, foi quando Zé Marcolino por ter conhecimento do passado se inspirou. O poeta retrata o passado brilhante de muita fartura e prosperidade que avia no local. Cita as características (festas de gado) presentes no meio rural do sertanejo, que são as festas de apartação e vaquejadas.

“Na composição é o Major Alfredo Mayer” citado na música como um major forte e viril, proprietário da fazenda Serrote agudo na época e possivelmente por ter pulso forte, uma boa administração, proporcionava melhores condições, segurança e diversão aos moradores da região, fazendo festejos como: vaquejadas e pega de boi no mato. E até mesmo a natureza

também se manifestava para tamanha riqueza, com tempos bons de inverno como cita na letra era “época de trovoadas”.

- Cacimba Nova, toada (José Marcolino) (1964).

Fazenda Cacimba Nova
 Foi bonito o teu passado
 Inda estás dando a prova
 Pelo o que vejo ao teu lado
 Um curral grande, pendido.
 Um carro velho, esquecido.
 Pelo sol todo encardido
 Sozinho, sem paradeiro.
 Falta de juntas de boi
 Que levantavam ao aboio

Obedecendo ao carreiro

Resistente casarão
 Em ti as águas rolavam
 Onde os vaqueiros brincavam
 Em corridas de mourão

O touro velho berrando
 No tronco do pau fungando
 Os seus chifres amolando
 Com o maior desespero
 O heroísmo tamanho
 Em defesa do rebanho
 Fazendo medo a vaqueiro.

Quem te vê sai suspirando
 Lamentando cada instante
 Vendo o tempo devorando
 O teu passado brilhante

Mas rogo a Deus para um dia
Reinar-te ainda alegria
Paz, sossego e harmonia.
Voltando a felicidade
Que um sentimental vaqueiro
Passando no seu terreiro
Solte um aboio de saudade
E, e, e, o, e... E, boi...

Esta toada é um forte indício do tempo em relação a muitos patrimônios construídos por grandes fazendeiros no Nordeste, tais patrimônios eram em muitos casos símbolo da escravidão negreira e de até mesmo de seus próprios moradores, que eram submetidos a trabalhos pesados juntamente com sua família e pouco remunerados. Em alguns casos os vaqueiros mais idosos já debilitados do trabalho eram expulsos da fazenda sem direito a nenhum tipo de remuneração. A música também retrata o esporte vaquejada tido aqui como festas (brincadeiras) ato representado nas frases, *Onde os vaqueiros brincavam em corridas de mourão*. Também demonstra a valentia do touro em defesa do rebanho e mesmo temendo o vaqueiro demonstra sinal de força e coragem ato representado na frase *O touro velho berrando no tronco do pau fungando os seus chifres amolando com o maior desespero o heroísmo tamanho em defesa do rebanho fazendo medo a vaqueiro*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta análise constatou que quanto mais formarmos opiniões com a poesia melhor será a visão da vida do camponês para o Agroecólogo, encontrando expressões idiomáticas dos camponeses. No que se refere ao gênero artigo de opinião, verifica-se que viabilizou o uso de opiniões próprias adquiridas através da convivência do autor no cotidiano do camponês, notou-se ao mesmo tempo em que na poesia popular a uma carência de valores de cultura como fonte histórica e ideológica por parte dos pesquisadores que, constata-se para o usuário a linguagem poética e deve reconhecer as peculiaridades nas culturas na qual estão inseridas pela poesia através do tempo na história nordestina, para que então o pesquisador saiba utilizar e entender e entender o condicionado passando a ser referência como clareira de conhecimento popular.

Notou-se que alguns poemas existiram são passagens verdadeiras, acontecimentos verídicos, e hoje podem ser inserido, no cotidiano do pesquisador Agroecólogo, pois possui o sentido literal da história. A mudança ou desenvolvimento ao passar do tempo modificam a poesia e sua textualidade, pois a poesia se adapta ao passar do tempo, e se ajusta ao camponês e a história, ler poemas de localidades diferentes e de épocas diferentes pode comprometer seu significado histórico, mas isso não quer dizer que ele não admita nenhuma mudança do camponês, apenas sinaliza para uma menor possibilidade de bom conhecimento ao processo de transformação, pois o significado poético não depende da junção de poemas ou épocas diferentes, mas sim de elementos formados nas expressões da linguagem metafórica poética dos versos.

Por fim, a originalidade dos poemas seja na fala ou na escrita, constitui um diferencial que deve ser estudado possibilitando para o reconhecimento das marcas culturais presentes nela e a valorização da vida no campo, a compreensão das atividades agrícolas e suas crenças muitas estas formadas pelo fenômeno das secas que é pouco comentada nas escolas e ensino como um todo.

REFERÊNCIAS

BATISTA, L. **Raízes nordestinas**. 02. Ed. João pessoa, 2014.

CAZUZA, Z. **Poetas encantadores**; 02. Ed.

FERREIRA, Gustavo Henrique Cepoline. **Plantar, colher e comer: Vida cotidiana, alimentação e Campesinato em debate**. Revista Labirinto, Porto Velho – RO, ano XIV, v.21, p. 222-239, 2017. Disponível em: <
<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/1090/1321>>. Acesso em julho de 2018.

MENESES, E.; MORAIS, J. M. **Seca no nordeste desafios e soluções**. 3.ed. são Paulo, 2009. p.37.87.

WANDERLEY, M. N. B. **Um novo lugar para a agricultura**. 1. Ed. Rio de janeiro. 2009.

SILVA, Maria Raquel Batista da. **Numa sala de reboco**”: a representação de sertão nas músicas de José Marcolino. Sumé - PB: [s.n], 2013.42,p.

PEREIRA, S. L. História e música: algumas considerações. **Cadernos de História**, São Paulo, ano 01, n. 1, p. 9-36 jun. 2000.

PEREIRA, H. Q. **A Organização dos trabalhadores e trabalhadoras rurais do campo: do acampamento ao assentamento: quais os desafios para a Educação popular**. Dissertação (Mestrado em Educação), UFPB, 2007.

PETERSEN, Paulo. **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 10.

<http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/a-literatura-de-cordel-no-ambito-da-euacacao-transversa/52416/>

https://www.conhecimentogeral.inf.br/poligono_das_secas/

<https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/1210769>

http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/agricultura_e_meio_ambiente/arvore/CONTAG01_8_299200692526.html

http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/agricultura_e_meio_ambiente/arvore/CONTAG01_8_299200692526.html

http://lounge.obviousmag.org/memorias_do_subsolo/2013/01/literatura-de-cordel-a-memoria-do-sertao-em-folhetos-de-papel.html#ixzz4jDwdlSR8

Follow us: @obvious on Twitter | obviousmagazine.

<<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/a-Origem-Da-Danca-Do-Xote-TrabalhosFeitos.com>>. Acesso: 16 out.2013.

<HTTP://brasilecola.UOL.com.br/o-que-e-geografia/o-que-e-poligno-das-secas.htm>

A Origem Da Dança Do Xote TrabalhosFeitos.com. Disponível em CD – ZÉ -

MARCOLINO. Disponível em: <<http://www.forroemvinil.com/cd-ze-marcolinopedra-de-amolar>>. Acesso: 09 set. 2013.

MARCONI, Marin de Andrade; **LAKATOS**, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5°. ed. São Paulo: Atlas, 2009

<http://www.pontodevistaonline.com.br/artigo-diogenes-da-cunha-lima-vaquejada-nordestina/>

<HTTPS://www.cpt.com.br/artigos/como-surgiu-a-vaquejada>

<http://www.serratalhada.net/cultura/mostra.asp?noticia=noticia11.asp>

<http://www.pontodevistaonline.com.br/artigo-diogenes-da-cunha-lima-vaquejada-nordestina/>

<https://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/entenda-o-que-e-agroecossistema/>

<https://www.google.com.br/search?q=fotos+de+ze+marcolino&oq=fotos+de+ze+marcolino&aqs=chrome..69i57.9551j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

https://www.google.com.br/search?q=fotos+de+pinto+do+monteiro&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiD473lrJdAhWQuVkKHaOMCxUQ_AUIDSgE&biw=1024&bih=494#imgc=nkoT8fAlmyDnvM: